

Ação do Credit Suisse cai 25%, derruba Bolsas e amplia desconfiança

Ação do Credit Suisse cai 25% em meio a crise de confiança e afeta mercados

Banco central da Suíça vai emprestar US\$ 53,7 bilhões à instituição para fortalecer sua liquidez

Renato Carvalho

SÃO PAULO As ações do banco Credit Suisse caíram quase 25% nesta quarta-feira (15) na Bolsa de Zurique em meio a uma crise de confiança de investidores, num ambiente que já vinha tenso nos mercados mundiais nos últimos dias com a quebra do americano SVB (Silicon Valley Bank).

A queda contaminou os principais índices europeus, que fecharam com fortes perdas nesta quarta. No fim do dia, o Swiss National Bank (SNB, o banco central suíço) afirmou que poderia ajudar o Credit, o que reduziu as perdas nos mercados. Já na madrugada europeia, o Credit anunciou que vai tomar um empréstimo equivalente a US\$ 53,7 bilhões (R\$ 284 bilhões) no SNB para fortalecer sua liquidez.

A preocupação se estende para além da Suíça, e o Tesouro americano, já pressionado pela turbulência desencadeada pela falência do SVB, declarou que estava "vigilando a situação e em contato com seus homologos internacionais".

O Credit está em dificuldades há dois anos, após a falência da empresa financeira britânica Greensill, que marcou o início de uma série de escândalos que enfraqueceram sua imagem no mercado. Em 2022, enfrentando problemas de liquidez em seus ativos, houve uma série de novas regras que levaram a uma corrida dos correntistas para sacar seus recursos.

Desde março de 2021, a ação perdeu mais de 80% de seu valor. Alguns acionistas acabaram jogando a toalha, como a empresa de investimentos americana Harris Associates, que era um acionista relevante e revelou, na semana passada, ter vendido toda a sua participação.

Na terça (14), relatório do Credit Suisse indicou distorções em suas demonstrações financeiras. A situação se agravou nesta quarta, após um de seus principais investidores declarar que não poderia fornecer apoio financeiro ao banco suíço por travess regulatórias. "Não podemos [socorrer o banco financeiramente], por que iríamos acima de 10%. É uma questão regulatória", disse Anmar Al Khadiri, presidente do conselho de administração do Saudi National Bank, banco saudita que adquiriu no ano passado uma fatia de quase 10% do Credit Suisse.



Fachada de agência do Credit Suisse em Vevey, Suíça; instituição com sede em Zurique foi fundada em 1856. Fabrice Coffrini/ATP

Os sauditas têm hoje 9,8% do banco suíço. "Se passarmos de 10%, uma série de novas regras entra em vigor". A declaração fez os papéis do Credit Suisse caírem mais de 20% pela manhã. À tarde, chegaram a ensaiar uma recuperação, mas a situação voltou a piorar, apesar das tentativas de tranquilizar os investidores, que já vinham de dias tensos com a crise do setor bancário nos EUA.

A crise contaminou os mercados europeus, especialmente o setor bancário. A Bolsa de Paris perdeu 3,58%; a de Frankfurt, 3,27%; e a de Londres, 3,83%. Já de Milão recuou 4,61%, e a de Madri, 4,37%. O Índice do Setor Bancário Europeu (Stoxx 600 Banks) caiu quase 7%.

Os efeitos na Bolsa brasileira e em Nova York foram sentidos mais na parte da manhã. À tarde, houve uma recuperação, mas os índices fecharam, na sua maioria, em baixa. O Dow Jones fechou em bai-

xa de 0,87%, e o S&P 500 caiu 0,70%. O índice Nasdaq encerrou em alta de 0,25%. Presidente do Credit Suisse, Axel Lehmann, descartou eventual ajuda governamental. "Não é um tema", afirmou durante conferência do setor bancário na Arábia Saudita. "Temos índices financeiros sólidos, um balanço sólido". Mais tarde, no entanto,

o banco anunciou que tomou empréstimo no SNB. Abalado por vários escândalos, o Credit Suisse registrou um prejuízo líquido de quase 7,3 bilhões de francos suíços (US\$ 7,9 bilhões) em 2022. Esse foi o pior resultado de um banco suíço desde a crise financeira de 2008, quando a instituição registrou prejuízo superior a 8 bilhões de fran-

cos. O dado acendeu um alerta no mercado, já que o banco tem enfrentado problemas de imagem desde o ano passado. "Parece que cada vez mais investidores estão olhando para o CS [Credit Suisse] como o próximo dominó mais provável de cair", disse Neil Wilson, analista da Finalto. Mas "é realmente grande demais para quebrar", acrescentou.

O banco conseguiu levantar mais de US\$ 4 bilhões, com ajuda do banco central suíço, e acalmou momentaneamente os investidores. Diferentemente do americano SVB, uma instituição de nicho, voltada à startups, o Credit é um dos 30 bancos internacionais considerados "grandes demais" para quebrar, o que também resulta em regras mais rígidas para resistir aos momentos mais turbulentos.

Para Lucas Martins, especialista em renda variável da Blueq Investimentos, há ainda um potencial efeito colateral dessa ajuda dos bancos centrais para salvar instituições como o Credit Suisse e o SVB. "Se for necessário injetar dinheiro em grandes bancos,

haverá uma pressão inflacionária. A partir daí, as autoridades monetárias teriam que aumentar os juros ainda mais. Isso enfraqueceria o mercado de ações em todo o mundo."

Os sauditas se tornaram os maiores acionistas do Credit Suisse durante um aumento de capital lançado em novembro para financiar uma grande reestruturação da entidade.

A lei suíça prevê que as pessoas físicas e jurídicas que detenham, direta ou indiretamente, ao menos 10% do capital, ou do direito de voto, de um banco devem dar "a garantia de que sua influência não é suscetível de ser exercida em detrimento de gestão prudente e séria" do estabelecimento.

Superar esse limite de 10% no segundo maior banco suíço pode causar alvoroço no país, de pois que seus acionistas já viram sua participação se reduzir após o aumento de capital, e assistem à queda de seu valor.

Com AFP e Reuters

Expectativa de reforma fiscal impede queda maior em SP

SÃO PAULO Mesmo com o impacto da crise enfrentada pelo Credit Suisse nos mercados globais, a Bolsa brasileira ganhou um fôlego à tarde e fechou em queda mais moderada que o ritmo visto pela manhã.

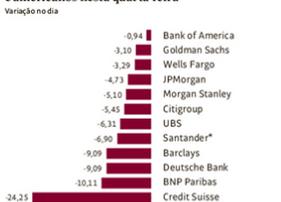
O índice chegou a atingir o patamar de 120 mil pontos, o pior registrado desde julho de 2022. Mas a notícia de que o novo arcabouço fiscal já foi entregue para ao Planalto deixou os investidores locais menos pessimistas.

"Parece que cada vez mais investidores estão olhando para o CS [Credit Suisse] como o próximo dominó mais provável de cair", disse Neil Wilson, analista da Finalto. Mas "é realmente grande demais para quebrar", acrescentou.

O banco conseguiu levantar mais de US\$ 4 bilhões, com ajuda do banco central suíço, e acalmou momentaneamente os investidores. Diferentemente do americano SVB, uma instituição de nicho, voltada à startups, o Credit é um dos 30 bancos internacionais considerados "grandes demais" para quebrar, o que também resulta em regras mais rígidas para resistir aos momentos mais turbulentos.

Para Lucas Martins, especialista em renda variável da Blueq Investimentos, há ainda um potencial efeito colateral dessa ajuda dos bancos centrais para salvar instituições como o Credit Suisse e o SVB. "Se for necessário injetar dinheiro em grandes bancos,

Desempenho de ações de grandes bancos europeus e americanos nesta quarta-feira



* Ação do banco na Bolsa de Madri. Fonte: MarketWatch

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mercado Caderno: A Página: 17